

## Trincheira de resistência: a luta camponesa para além dos movimentos sociais em Caturama (BA)<sup>1</sup>

Daiana Silva Marques  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: daianamarques2000@gmail.com

Jaqueline Silva Portela  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: silvaporktelajaqueline@gmail.com

Aline Farias Fialho  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: aline.fialho@uesb.edu.br

399

**Palavras-chave:** Campesinato. Resistência na terra. Modo de vida. Classe social

### INTRODUÇÃO

No espaço agrário brasileiro, a luta de classes se constitui como fenômeno dos interesses antagônicos dos sujeitos sociais. Assim, o campesinato resiste no espaço e no tempo de diversas formas, ora no processo de luta pela terra, ora lutando para a permanência nela. A posse da terra é instrumento de resistência para o camponês como possibilidade de reproduzir seu modo de vida, estabelecendo vínculos para além de fins produtivos.

Considera-se nesta pesquisa o campesinato como classe social que existe e resiste no campo, como apontam Shanin (2005), Oliveira (2007) e Souza (2008). Oliveira (2007) afirma que o campesinato não está em desaparecimento, visto que o camponês se reproduz na sociedade capitalista, sendo criado e recriado, contraditoriamente, por esse sistema. Essa dinâmica complexa envolvendo a classe social camponesa está inerente ao modo de produção capitalista que molda as formas de relações e a subordina para exploração e expansão do capital. Nesse sentido, Shanin (2005) discute a importância da análise dos sujeitos a partir das suas especificidades, tendo em vista a complexidade dessa classe não

---

<sup>1</sup> Título inspirado no artigo de João Edimilson Fabrini intitulado “A resistência camponesa para além dos movimentos sociais”, o qual é base para a discussão desse resumo.

Realização:



Apoio:



homogênea que, em cada tempo histórico e espaço, apresenta características particulares, ainda que modos e saberes se reproduzam de geração para geração.

O modo de vida camponês é uma forma de resistência na sociedade capitalista. Os camponeses mantêm relações com outras classes, com o mercado e o urbano, como aponta Souza (2008), mas não perde seus valores e forma de organização. Nesse sentido, a organização familiar do camponês é uma estratégia de resistir a essa lógica capitalista, sendo o seu modo de vida dotado de valores sociais singulares, como afirma Marques (2004, p. 145), “um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra”.

Sob o tripé terra, trabalho e família, o camponês encontra forças para a reprodução de sua classe e permanência de suas relações no campo. Segundo Souza (2008), “[...] o papel político do camponês não se limita à luta pela terra, mas, sobretudo, para se manterem na terra” (Souza, 2008, p. 111-112). Como aponta Fabrini (2007), a luta desses sujeitos vai além dos movimentos sociais, visto que o lugar social do camponês é fator de luta e resistência.

Fabrini (2007) pontua que a territorialidade camponesa e a forma de organização e produção dessa classe se configuram como um meio de resistência às relações capitalistas, tais como a produção voltada, primeiramente, para o consumo, o controle da produção e as relações de troca entre os vizinhos. Em síntese, as relações camponesas “[...] apontam para uma resistência que não está circunscrita a enfrentamentos amplos, estruturais ou vinculados a esquemas transnacionais de ação em rede dos movimentos sociais, mas também a ações localizadas e assentadas no território” (Fabrini, 2007, p. 30).

Essa discussão pautada por Fabrini se alinha com a realidade dos camponeses de Caturama (BA), município situado no Centro Sul da Bahia e que possui 8841 habitantes (IBGE, 2022), sendo que 6469 residem na zona rural e 2374 na zona urbana (IBGE, 2010). Para a realização da pesquisa de campo, foi escolhida a comunidade de Curral Novo para obtenção dos dados empíricos dos camponeses. Como objeto de pesquisa, busca-se a compreensão das formas de resistência e luta na terra dos camponeses caturamenses dessa comunidade para sua permanência no campo, bem como a identificação das formas de organização familiar para a produção e reprodução da vida.

Esse estudo é relevante para o entendimento dos fenômenos que asseguram a permanência de um número maior de sujeitos no campo em Caturama (BA), em contrapartida com a tendência brasileira de concentração populacional na zona urbana. É uma pesquisa que contribui para a discussão do campesinato e suas formas de existência e

resistência frente às contradições presente no sistema capitalista. Além disso, é um estudo pioneiro dessa temática em Caturama (BA), contribuindo para a compreensão do espaço agrário e suas relações que se materializam no município.

## **METODOLOGIA**

A metodologia da pesquisa consiste no levantamento bibliográfico de autores que discutem o campesinato como classe social e modo de vida em reprodução no sistema capitalista, bem como de estudiosos que apresentam a discussão da resistência dessa classe. Também conta com dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) sobre o município de Caturama para compreensão da realidade do espaço agrário e suas relações. Além disso, foi realizada a pesquisa de campo na comunidade de Curral Novo, na qual foram realizadas entrevistas com 25 famílias.

Ressaltamos que essa pesquisa será ampliada e aprofundada no trabalho de conclusão de curso (monografia), sendo este resumo apenas parte das discussões que envolvem a pesquisa. As informações empíricas aqui apresentadas foram analisadas por meio da dialética dos fenômenos que envolvem as relações agrárias do município, levando em consideração a base teórica adotada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O campesinato não está em desaparecimento em Caturama (BA), tendo em vista a sua existência e resistência na comunidade pesquisada, apresentando especificidades em seu modo de vida e relação com a terra. Os camponeses de Curral Novo são donos da terra e resistem com sua produção diversificada, associação do trabalho familiar e assalariado, organização da produção, levando em conta as inter-relações entre terra, trabalho e família.

A resistência camponesa na comunidade é para se manter na terra frente às dificuldades impulsionadas pelo sistema de produção capitalista em que o valor de troca é primordial ao valor de uso das mercadorias. Assim, a reprodução de sua classe e modo de vida na terra é uma forma de resistência. Quando questionados sobre sua permanência na terra, mesmo diante dos diversos problemas enfrentados para a produção, os camponeses relatam diferentes fatores que foram descritos na tabela 1.

**Realização:**



**Apoio:**



Tabela 1: Motivos que mantêm o camponês caturamense na terra

Motivo	Justificativa com base nos relatos dos camponeses
<b>Morada, amor pela terra e tranquilidade</b>	A maioria dos camponeses relatam que a terra é o lugar de moradia e reprodução da vida; pelo amor que pela terra, relações de ajuda mútua, além tranquilidade que o fazem permanecer no campo.
<b>Resistência</b>	Diante das dificuldades, os camponeses afirmam que é a persistência e a resistência que os mantêm no campo, sendo a terra a fonte de sustento.
<b>Produção livre de veneno</b>	Os camponeses pontuam a produção livre de veneno como um dos fatores de permanência no campo, uma vez que tem controle da produção além de que, cultivando, evita o gasto com a compra.
<b>Exercício da profissão lavrador</b>	Os camponeses não se reconhecem em uma outra profissão, elencando - o seu trabalho de lavrador como profissão para sua classe e expressando amor e identificação pelo que faz.

Fonte: Trabalho de campo, fev. 2024.

Como descrito por Souza (2008), o papel político do camponês está na luta para se manter na terra, onde enfrenta desafios para sobrevivência digna diante do sistema vigente. E, mesmo mantendo relações com outras classes, seus princípios não se perdem e sua forma de organização baseada na articulação terra, trabalho e família é uma das formas de resistência dessa classe. E, assim, os camponeses de Curral Novo se reproduzem com luta e persistência no campo.

## CONCLUSÃO

Ainda que a pesquisa esteja em andamento, tem-se o resultado parcial e é possível afirmar que há várias formas de resistência adotadas pelos camponeses de Curral Novo as quais asseguram a sua permanência no campo. Isso nos leva a discussão da luta para além dos movimentos sociais, uma vez que a luta na terra é diária para o camponês no sistema capitalista.

A luta do camponês de Curral Novo é constante e construída em articulação com o trabalho familiar na terra. As diferentes formas de resistência são materializadas com as relações cotidianas no território camponês que se constitui como trincheira de resistência dessa classe.

Realização:



Apoio:



## REFERÊNCIAS

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caturama/pesquisa/23/25207>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FABRINI, João Edmilson. A resistência camponesa para além dos movimentos sociais. **Revista Nera**, n. 11, p. 8-32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i11.1406>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. *In*: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs.). **O campo no século XXI**. Território de vida, de luta e de construção da justiça social. 1. ed. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007b, 184p.

SHANIN, Teodor. Lições camponesas. *In*: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. 1ª Ed. Expressão Popular São Paulo – 2008.

SOUZA, Suzane Tosta. **Da negação ao "discurso" hegemônico do capital à atualidade da luta de classes. Camponeses em luta pela/na terra no Sudoeste da Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia). Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2008.